

O MÉTODO BIOGRÁFICO NA INVESTIGAÇÃO DAS IDENTIDADES PROFISSIONAIS DOCENTES

THE BIOGRAPHICAL METHOD IN RESEARCH ON TEACHER'S PROFESSIONAL IDENTITIES

Vanessa Weber¹

Resumo: A identidade docente é construída a partir de relações sociais e profissionais. A compreensão da construção desta identidade exige o conhecimento de elementos subjetivos de suas vidas. As metodologias vinculadas ao método biográfico têm como um de seus princípios a presença da “voz” dos sujeitos na construção da pesquisa. O artigo apresenta a pertinência do método biográfico em pesquisas sobre o tema, e a investigação biográfico-narrativa como indicação para a investigação da identidade profissional. A questão das identidades profissionais tem como referência Dubar (2005); a discussão sobre o método biográfico tem como base estudos de Bueno (2002), Abrahão (2004), Galvão (2005), Bolívar e Domingo (2006), Souza (2011), entre outros. Demonstra-se que o método discutido é indicado para o estudo das identidades profissionais docentes ao proporcionar caminhos e estratégias para que o pesquisador conheça os aspectos significativos das trajetórias vividas (DUBAR, 2005) dos professores por meio de suas próprias narrativas.

Palavras-chave: Método biográfico; Identidades profissionais; Investigação biográfico-narrativa.

Abstract: Teacher's identity is construed through social and professional relationships. Understanding this construction demands knowledge of subjective elements of their lives. One principle of methodologies relating to biographical methods is the presence of the subject's “voice” during research development. The pertinence of the biographical method is presented, and the biographical-narrative research is suggested for the investigation of teacher's professional identity. Discussion on professional identities is based on Dubar (2005), while discussion on biographical method is based on Bueno (2002), Abrahão (2004), Galvão (1995), Bolívar and Domingo (2006), Souza (2011), and other authors. It is concluded that the aforementioned method is suited for research on teacher's professional identities for providing paths and strategies that allow the researcher to find out meaningful aspects of teacher's life experiences (DUBAR, 2005) through their own narratives.

Keywords: Biographical method; Professional identity; Biographical-narrative investigation.

1 Introdução

A identidade do professor é construída ao longo de sua vida a partir de relações sociais e profissionais. Assim, para se compreender a construção desta identidade é necessário o conhecimento de elementos subjetivos da vida dos professores. As metodologias vinculadas ao método biográfico têm como um de seus princípios a presença da “voz” dos sujeitos na construção da pesquisa. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar a pertinência do método biográfico em pesquisas desse

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Email: vanewebersm@gmail.com

cunho e a investigação biográfico-narrativa, uma das vertentes do método biográfico, como sugestão de metodologia para a investigação da identidade profissional docente.

O texto está organizado em torno de três tópicos. Inicialmente, discorre-se brevemente a respeito das pesquisas em educação que têm o professor como foco de investigação e aborda-se a questão das identidades profissionais. Posteriormente, apresenta-se o método biográfico e a relevância deste para o estudo da formação e da construção das identidades. Neste ponto, discorre-se também a respeito da diversidade de nomenclaturas das metodologias que são encontradas em torno do método biográfico, a qual pode gerar incertezas aos pesquisadores. Ao final do artigo, a investigação biográfico-narrativa é apresentada, delimitando-se a descrição dos aspectos centrais deste método e relacionando-o com a pesquisa sobre identidades profissionais.

2 As pesquisas sobre o professor e a questão da identidade profissional

A perspectiva de ter o professor como sujeito e como foco de estudos em meio às investigações pedagógicas se amplia a partir da década de 1980. Inicialmente os estudos eram realizados sobre o ensino, os materiais utilizados, os métodos de trabalho, ficando o professor em segundo plano. Nóvoa (1992) menciona que as investigações eram feitas para além do professor e que a profissão docente era reduzida a “um conjunto de competências e de capacidades, realçando essencialmente a dimensão técnica da acção pedagógica” (NÓVOA, 1992, p. 15). O professor era considerado um transmissor de conhecimentos e conteúdos organizados por outras pessoas. Mesmo quando se admitia a importância da profissão docente e do papel do educador, existia a tendência de se considerar que, aos professores, “bastava dominarem bem a matéria que ensinam e possuírem um certo jeito para comunicar e para lidar com os alunos. O resto é dispensável” (NÓVOA, 2002, p. 22). Neste contexto, é compreensível que os pesquisadores não trouxessem a pessoa do professor como importante elemento para o processo educativo e para a construção e compreensão da área.

Esta forma de pensar o professor, bem como sua inclusão como tema de pesquisa, começa a ganhar força a partir das décadas de 1980 e 1990. A partir dessa época, o professor passa a ser foco nas pesquisas em Educação. Iniciam-se os estudos que contam a história de vida dos professores, analisam suas trajetórias e buscam conhecer seus processos formativos mediante a “voz” do próprio professor, o qual passa a ser reconhecido também como produtor de conhecimentos.

Neste período, inicia-se o desenvolvimento de pesquisas que, considerando a complexidade da prática pedagógica e dos saberes docentes, buscam resgatar o papel do professor, destacando a importância de se pensar a formação numa abordagem que vá além da acadêmica, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente (NUNES, 2001, p. 28).

Em meio às pesquisas sobre o professor, a questão da identidade começa a ganhar cada vez mais destaque. Ao analisar o processo de constituição do campo de pesquisas sobre formação de professores, André (2010) aponta que “nos anos 2000 a temática priorizada passou a ser *identidade e profissionalização docente*. O foco agora é o professor, suas opiniões, representações, saberes e práticas, chegando a 53% do total dos estudos sobre formação docente, em 2007” (ANDRÉ, 2010, p. 176, grifo nosso).

Ao fazer referência à identidade profissional do professor têm-se como base os estudos de Claude Dubar e parte-se do pressuposto de que esta não é única e estável, mas é inicialmente construída na infância e reconstruída ao longo da vida. Além disso, é importante salientar que “o indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto das sucessivas socializações” (DUBAR, 2005, p. 1).

Nesse sentido, a identidade profissional, ou seja, as formas identitárias que formam o professor são construídas nas relações sociais e de trabalho e se configuram a partir de dois processos: processo biográfico (identidade biográfica para si) e o processo relacional (identidade relacional para o outro). O processo biográfico representa a construção de identidades sociais e profissionais, as quais o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida nas diversas instituições pelas quais passa, dentre elas a família, a escola, o mercado de trabalho, etc. Já o processo relacional, “concerne ao reconhecimento, *em um momento dado e no interior de um espaço determinado* de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação” (DUBAR, 2005, p. 156, grifo do autor). Estes processos não são coincidentes. Assim, quando a identidade para si difere da identidade para o outro resultam estratégias identitárias

[...] destinadas a reduzir a distância entre as duas identidades. Elas podem assumir duas formas: ou a de transações “externas” entre o indivíduo e os outros significativos, visando a tentar acomodar a identidade para si à identidade para o outro (transação denominada “objetiva”), ou a de transações “internas” ao indivíduo, entre a necessidade de salvaguardar uma parte de suas identificações anteriores (identidades herdadas) e o desejo de construir para si novas identidades no futuro (identidades visadas), com vistas a tentar assimilar a identidade-para-o-outro à identidade-para-si. Essa transação, denominada subjetiva, constitui um segundo mecanismo central do processo de socialização concebido como produtor de identidades sociais (DUBAR, 2005, p. 140).

Na abordagem sociológica desenvolvida por Dubar, a articulação entre estes dois processos, a transação objetiva e a transação subjetiva, é o aspecto central no processo de construção das identidades. Assim,

a identidade nada mais é do que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. [...] Essa noção tenta introduzir a dimensão subjetiva, vivida e psíquica no cerne da análise sociológica (DUBAR, 2005, p. 136, grifos do autor).

A introdução da dimensão subjetiva para a compreensão das identidades faz com que essa temática se aproxime dos métodos biográficos. No contexto da pesquisa em Educação, Bueno *et al.*, (2006) realizaram uma revisão dos trabalhos da área que utilizaram o método biográfico e as histórias de vida para a pesquisa sobre professores. A partir da análise dos trabalhos produzidos entre 1985 e 2003, perceberam a utilização de diversas denominações metodológicas utilizadas pelos autores, dentre elas: memórias, lembranças, relatos de vida, depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, histórias de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico e perspectiva autobiográfica. Com base nessa diversidade de denominações, buscou-se compreender melhor as características destas metodologias para um maior entendimento do método biográfico.

3 O método biográfico: diversidade de nomenclaturas

O uso da abordagem biográfica tem sido frequente nas pesquisas em Educação, porém suas diversas denominações podem gerar algumas incertezas para o pesquisador. Galvão (2005), por exemplo, afirma que “sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etno-biografias, etnografias e memórias populares” (GALVÃO, 2005, p. 329).

Pazos (2002) também cita esta diversidade de terminologias em relação às pesquisas narrativas, afirmando que as investigações narrativas são denominadas: “[...] estudos narrativos, métodos de experiência pessoal, métodos biográficos, experiências de vida, histórias e relatos de vida, história oral, histórias e narrativas pessoais, autoetnografia, etc” (PAZOS, 2002, p. 111).

A diversidade de terminologias referentes às metodologias utilizadas nas pesquisas com histórias de vidas de professores também é apontada por Souza (2011). O autor afirma que “autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida,

história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica da História Oral” (SOUZA, 2011, p. 45).

Bolívar e Domingo (2006) também fazem menção a essa multiplicidade terminológica. Os autores apontam que os termos mais utilizados desde a antiguidade e que possuem maior dificuldade de delimitação são a “biografia e a autobiografia, associadas com múltiplos usos no território dos escritos de si: casos, histórias, autobiografias, narrativas, histórias de vida, autobiografias sociológicas, autohistórias, etc” (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, p. 6).

Bueno e colaboradores (2006) realizaram uma revisão dos trabalhos da área da Educação que utilizaram o método biográfico e as histórias de vida para a pesquisa sobre a formação de professores. A partir da análise dos trabalhos produzidos entre 1985 e 2003, percebeu a utilização de diversas denominações metodológicas utilizadas pelos autores, dentre elas: memórias, lembranças, relatos de vida, depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, histórias de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico e perspectiva autobiográfica. A autora aponta que

[...] o exame realizado tornou evidente que essa produção se caracteriza por uma enorme dispersão, tanto temática quanto metodológica, decorrente, entre outros fatores, da multiplicidade de referenciais teóricos utilizados nas pesquisas. Os teóricos que dão sustentação aos trabalhos têm sido buscados em vários campos disciplinares, fazendo-se empréstimos conceituais e combinações as mais variadas, nem sempre isentas de ambigüidades quanto às denominações metodológicas utilizadas (BUENO *et al.*, 2006, p. 388).

A partir dessas definições, percebe-se que existem divergências quanto à categorização das pesquisas. Por exemplo, Galvão (2005) e Pazos (2002) afirmam que as diversas perspectivas metodológicas citadas estão inseridas na *investigação narrativa*. Já Souza (2011), menciona que tais perspectivas fazem parte da investigação de *história oral*. Essa diversidade de nomenclaturas e falta de consenso dos autores torna necessário que o pesquisador conheça e avalie as diferentes perspectivas metodológicas.

A História Oral pode ser considerada como uma “prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 18).

Conforme Alberti (2005), o método de história oral, com a utilização de depoimentos e relatos para a reconstituição de acontecimentos, é utilizado desde a Idade

Média. Porém, a partir do século XIX, este método passou a ser menos utilizado, devido ao predomínio das pesquisas quantitativas e da “história positivista”. Com isso “considerava-se que o depoimento não poderia ter valor de prova, já que era imbuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória” (ALBERTI, 2005, p. 18).

Esta situação começou a modificar-se após a 2ª Guerra Mundial, momento em que os pesquisadores, insatisfeitos com os métodos quantitativos, voltaram a utilizar métodos qualitativos em suas investigações. Outro fator que contribuiu para o retorno da história oral foi o recurso do gravador portátil, a partir de 1960. Com isso os depoimentos passaram a poder ser consultados em qualquer momento e utilizados em diversas pesquisas, passando, assim, a ser consideradas como documentos.

[...] mas isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história ‘positivista’. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado ‘tal como efetivamente ocorreu’, e sim as formas como foi e é aprendido e interpretado (ALBERTI, 2005, p. 19).

Assim, a história oral buscava compreender os acontecimentos do passado através das experiências e sentimentos individuais de cada depoente, buscava comparar narrativas para estabelecer relações entre o geral e o particular, tentando entender a sociedade através dos depoimentos das pessoas que nela viveram. A partir da década de 1970 houve uma grande difusão da história oral, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Assim, surgiram inúmeras pesquisas utilizando este método e foram implantados vários programas de história oral. Na década de 1990, este movimento ampliou-se no Brasil, sendo, então, fundada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em 1994. “Desde então a comunidade de pesquisadores e interessados no assunto só fez crescer, impulsionada pelos encontros regionais e nacionais” (ALBERTI, 2005, p. 21).

Segundo Meihy (2005), a história oral pode ser dividida em basicamente, três gêneros distintos:

1) *História oral de vida*: trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. O principal nas entrevistas de história de vida é a experiência do colaborador, sendo que não se busca a verdade, mas sim a versão do colaborador sobre suas experiências de vida.

2) *História oral temática*: parte de um assunto específico e previamente estabelecido, comprometendo-se com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido.

3) *Tradição oral*: trabalha com a permanência de mitos e questões do passado que se manifestam em comunidades pelo que é conhecido por folclore ou transmissão geracional.

Weiduschadt e Fischer (2009) também classificam a história oral em duas dimensões:

A história oral pode ser ‘temática’ ou pode ser ‘de vida’. A primeira caracteriza-se por coletar depoimentos em torno de um mesmo acontecimento, ou tema situado dentro de determinado recorte temporal. A segunda, envolvendo igualmente a memória, supõe ouvir depoimento do sujeito acerca de sua própria história ao longo dos anos (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009, p. 69).

Outra importante perspectiva metodológica é a Pesquisa Narrativa, considerada como

[...] uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com milieus. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. Simplesmente estabelecido, como escrevemos no prólogo, pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 51)

Segundo Aragão (2011), as investigações narrativas têm sido cada vez mais frequentes nas pesquisas sobre a experiência humana e nas pesquisas em Educação. A autora entende narrativa como o “termo de referência a uma qualidade que estrutura a experiência que vai ser estudada e, além disso, como designativo dos padrões de investigação que vão ser utilizados para estudo desta experiência” (ARAGÃO, 2011, p. 15).

Clandinin e Connelly (2011) consideram que a pesquisa narrativa é o estudo sobre a forma que os seres humanos experimentam o mundo. Na opinião desses autores a “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 49). Assim, justificam o uso das narrativas nas investigações em educação afirmando que “nós – os seres humanos – somos organismos contadores de história, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 11).

A pesquisa narrativa prevê observações e contato direto com o meio do professor colaborador. “O pesquisador narrativo pode notar histórias, mas mais frequentemente registra ações e fazeres, além de acontecimentos, tudo aquilo que constitui expressões narrativas. Isso é o objeto da pesquisa narrativa [...]” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 117).

Percebe-se que todas as denominações guardam algo em comum, a importância dada ao professor na pesquisa, o qual é colocado “no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação” (NÓVOA, 1992, p. 15).

Assim, nas metodologias levantadas, encontra-se a “voz do professor”, o uso de suas narrativas e de sua história como elemento base para a realização da pesquisa. Enfim, o professor ganhou lugar de destaque nas investigações sobre sua formação, seus saberes e sua identidade, visto que “só ele sabe de si, das relações que estabeleceu com o seu processo formativo e com as aprendizagens que construiu ao longo da vida. Só ele pode contar como ele é; só ele sabe das razões que tem para ensinar como ensina” (FERREIRA; BIASOLI, 2009, p. 63).

O método biográfico engloba várias modalidades de estudos com histórias de vida (BUENO, 2002) e, segundo Seixas (1997), foi introduzido nas Ciências da Educação em 1980, com a publicação do livro de Gaston Pineau, *Vidas das Histórias de Vida*. Um dos elementos centrais do método biográfico, apontado por Abrahão (2004), é a memória. “A pesquisa (auto)biográfica, embora se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas, fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do exercício da rememoração, por excelência” (ABRAHÃO, 2004, p. 202). Assim, ao trabalhar com metodologias dessa natureza, o pesquisador estará lidando com emoções, intuições e com as subjetividades dos professores. Portanto, “nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo” (ABRAHÃO, 2004, p. 203). Este aspecto da não generalização dos dados nas pesquisas realizadas por meio do método biográfico também se encontra nas ideias de Pierre Dominicé, quando menciona que “as narrativas não podem comparar-se para daí tirarem generalizações. Cada narrativa é o reflexo da maneira como o caminho percorrido foi compreendido, a formação definida, o processo interpretado” (DOMINICÉ, 1988 apud SEIXAS, 1997, p. 5).

Tendo como referência autores como Souza (2011), Passeggi *et al.*, (2006, 2011) e Abrahão (2004) percebe-se que a escolha por uma das vertentes do método biográfico pode ser uma boa opção metodológica para as pesquisas com foco na investigação sobre o professor, e mais especificamente, sobre a identidade profissional do mesmo, visto que as pesquisas realizadas por meio do método biográfico buscam

[...] identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais (PASSEGGI *et al.*, 2011, p. 370).

Os referenciais mencionados demonstram a pertinência do uso do método biográfico na investigação a respeito da identidade profissional docente. Porém, o pesquisador que seguir por esse caminho ainda precisa definir qual das vertentes metodológicas do método biográfico irá nortear sua investigação. Assim, busca-se neste momento apresentar a investigação biográfico-narrativa, suas características e possibilidades, como sugestão para construção de pesquisas sobre tal temática.

4 A investigação biográfico-narrativa

Como já mencionado, as metodologias baseadas no método biográfico têm como foco as investigações com fontes pessoais, buscando documentar experiências, acontecimentos e situações. As pesquisas buscam compreender, através das narrativas, da “voz” dos professores, suas vidas, suas trajetórias de formação, sua construção e identidade docente. Segundo Bolívar e Domingo (2006), neste marco biográfico estão inseridos

[...] todos os enfoques e vias de investigação cuja principal fonte de dados se extrai de biografias, material pessoal ou fontes orais, que dão sentido, explicam ou respondem perguntas atuais, passadas ou futuras, a partir de elaborações ou possíveis argumentos com os quais se contam experiências de vida ou histórias vividas percebidas desde a perspectiva de quem as narra (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, p. 6).

Segundo os autores, a investigação biográfico-narrativa, uma das vertentes do método biográfico, tem adquirido cada vez mais relevância nas pesquisas em sociologia, antropologia, psicologia e também nas pesquisas em educação. Através da investigação biográfico-narrativa, o pesquisador pode mostrar a “voz” dos professores, “seus relatos de vida e experiência tornam públicas suas percepções, interesses, dúvidas, orientações e circunstâncias que – desde sua perspectiva – têm influenciado significativamente em ser quem são e em atuar como o fazem” (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, p. 8).

Os autores afirmam que a investigação biográfico-narrativa “permite fazer um inventário de experiências, saberes práticos e competências profissionais vivenciadas” (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, p. 9). Neste sentido, esta abordagem metodológica se mostra propícia ao foco de investigação da identidade profissional docente, pois, como afirmam Ferreira e Biasoli (2009), “o relato biográfico permite a construção dos percursos dos professores, e, através deles, é possível identificar as experiências, os momentos, os reencontros significativos para a formação e para a escolha da profissão de educador” (FERREIRA; BIASOLI, 2009, p. 61).

Encontram-se aspectos que justificam essa metodologia para o estudo sobre a construção das identidades profissionais docentes também no fato de que a investigação biográfico-narrativa “emerge como uma potente ferramenta, especialmente pertinente para entrar no mundo da identidade, dos significados e do saber prático” (BOLÍVAR; DOMINGO, 2006, p. 4). Dessa forma, o pesquisador tem oportunidade de conhecer e compreender melhor o mundo dos professores, sua formação, suas escolhas docentes e sua identidade profissional.

É importante salientar que ao adotar a perspectiva do método biográfico, a “voz” dos professores a partir de suas narrativas é central para a construção da pesquisa. Nesse sentido, “dentre os diversos instrumentos interativos que podem ser empregados na investigação biográfica, a entrevista – em suas diversas variantes e possíveis formatos – é a base da metodologia biográfica” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNANDEZ, 2001, p. 156). Os autores denominam as entrevistas construídas a partir da investigação biográfico-narrativa como entrevistas biográficas. Este tipo de entrevista se assemelha a uma conversa, na qual a voz do entrevistador permanece em segundo plano. O papel do pesquisador é, portanto, incentivar que os entrevistados narrem sobre suas histórias, refletindo e rememorando momentos de sua formação e docência que possam contribuir para a pesquisa. Os autores citados apontam que durante a entrevista biográfica “o entrevistado ou narrador, induzido ou guiado pelo entrevistador, conta como foi sua vida como uma totalidade de dimensões mais relevantes, ou resume alguns momentos ou temas específicos, de modo que tenha certa ordem coerente” (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNANDEZ, 2001, p. 159). Esse é um tipo de entrevista que contribui para a compreensão das identidades profissionais, visto que

[...] a entrevista biográfica é ela própria um momento de construção identitária; permite a dupla transacção entre a identidade biográfica para si e a identidade relacional para o outro; permite conhecer a identidade narrativa que se constrói no acto de cada um se contar (ALVES, 2007, p. 627).

Tendo como referência a entrevista biográfica, Bolívar, Domingo e Fernandez (2001) apontam que o processo de produção das narrativas deve ser organizado a partir de três momentos:

1) Planejamento da entrevista: momento no qual o pesquisador seleciona os professores que serão entrevistados; faz o convite para participação na pesquisa, explicita os objetivos e propósitos da mesma, e cria o roteiro da entrevista;

2) Realização da entrevista: momento de encontro individual com os professores, no qual por meio do roteiro previamente elaborado, os colaboradores serão conduzidos a rememorarem momentos de suas vidas relevantes à pesquisa; e

3) Transcrição e interpretação da entrevista: momento no qual as entrevistas serão transcritas na íntegra gerando o texto das narrativas que será utilizado para análise. É importante que, após a transcrição das entrevistas, as narrativas sejam enviadas aos professores, para que estes possam autorizar a utilização dos dados na pesquisa. A importância dessa etapa de “retorno” das narrativas aos professores é apontada também por Flick (2002), ao mencionar que

[...] a validade dos dados pode ser aumentada pela introdução de um passo de validação comunicativa em que se mostram ao entrevistado os dados e/ou interpretações provenientes de sua entrevista, de tal modo que ele pode concordar com eles, rejeitá-los ou corrigi-los. Seu consenso é, então, um critério para a validade dos dados (FLICK, 2002, p. 132).

Com relação à análise dos dados narrativos, Bolívar (2002) aponta que esta pode ser de dois tipos: análise paradigmática e análise narrativa. O tipo de análise paradigmática é organizado por tipologias paradigmáticas ou categorias, para que o pesquisador chegue a determinadas conclusões a respeito do grupo estudado. Já a análise narrativa tem como resultado uma narração particular, da qual não se espera generalizações.

A tarefa do investigador, neste tipo de análise, é configurar os elementos dos dados em uma *história* que unifica e dá significado aos dados, com o fim de expressar de modo autêntico a vida individual, sem manipular a voz dos participantes. A análise requer que o investigador desenvolva uma trama ou argumento que lhe permita unir temporal ou tematicamente os elementos, dando uma resposta compreensiva de por que sucedeu algo (BOLÍVAR, 2002, p. 13-14).

Estes dois tipos de análise apresentam, porém, algumas limitações e problemas para a pesquisa. No caso da análise narrativa, ao analisar os dados sem impor categorias distanciadas das palavras dos sujeitos, a interpretação destes pode ficar “presa” às concepções dos entrevistados, sem que se possa se realizar uma compreensão da narrativa que seja comparativa, generalizável ou teórica, “o que torna supérflua qualquer tarefa de análise” (BOLÍVAR, 2002, p. 15). Já uma análise do tipo paradigmática, “formalista ou fortemente categorial” pode fragmentar os elementos do discurso, descontextualizando-os. Assim, o autor aponta que ao analisar os relatos narrativos, o investigador deve compreender os significados e dimensões particulares das vidas dos entrevistados, mas deve também situar esses elementos em um contexto maior, para que assim a análise tome um sentido mais amplo.

Então, há que praticar na investigação narrativa uma espécie de *visão binocular*, uma “dupla descrição”. Por um lado, é necessário um retardo da realidade interna do informante. É preciso situar as experiências narradas no discurso dentro de um conjunto de regularidades e pautas explicáveis sociohistoricamente, pensando que o relato de vida responde a uma realidade socialmente construída, no entanto, não se pode desconsiderar que é completamente única e singular (BOLÍVAR, 2002, p. 17).

Nesse sentido, ao utilizar a investigação biográfico-narrativa para compreender as identidades profissionais dos professores, é importante considerar a história de cada professor, cada uma das narrativas, de forma única, e tentar compreender o contexto maior na qual essa narrativa é construída.

5 Considerações finais

Desde que o professor passou a ter um papel central nas investigações pedagógicas, pesquisas sobre sua formação, seus saberes e sua identidade se tornaram crescentes nas pesquisas em Educação. Ao longo do artigo buscou-se discorrer sobre a pertinência da utilização do método biográfico nesse tipo de investigação. Foram apresentadas características e possibilidades dos métodos biográficos nas investigações que versam sobre a construção das identidades de professores, assim como uma revisão sobre as diferentes denominações de metodologias que se encontram vinculadas a este método. Como sugestão, a investigação biográfico-narrativa foi apresentada como metodologia para a pesquisa sobre as identidades profissionais docentes. Salgado e Antezana (2013) apontam que “como um trabalho investigativo a perspectiva biográfica tem sido uma via metodológica para conhecer e analisar a constituição de identidades na formação e profissão de professores” (SALGADO; ANTEZANA, 2013, p. 40).

A identidade dos professores, ou suas formas identitárias, é construída a partir de suas relações sociais e profissionais. Assim, para conhecer como ocorre esse processo de construção das identidades, o pesquisador precisa conhecer as “trajetórias vividas” (DUBAR, 2005) pelos professores, ou seja, precisa compreender as formas como os indivíduos reconstroem de maneira subjetiva os acontecimentos de sua vida que julgam significativos. Nesse contexto, a investigação biográfico-narrativa se mostra uma metodologia apropriada para esse tema, visto que por meio desta, o pesquisador tem a possibilidade de conhecer os aspectos significativos da vida dos professores por meio de suas próprias narrativas.

Espera-se que este artigo incentive a reflexão e o conhecimento das diversas vertentes do método biográfico, assim como possa servir de base para pesquisadores que buscam caminhos metodológicos para a investigação sobre o professor e suas identidades.

Referências

ABRAHÃO, M. H. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativa. In: ABRAHÃO, M. H. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, M. N. de C. **Inserção profissional e formas identitárias: percursos dos licenciados da Universidade de Lisboa**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

ANDRÉ, M. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.

ARAGÃO, R. Memórias de formação e docência: bases para a pesquisa narrativa e biográfica. In: CHAVES, S. N.; BRITO, M. dos R. (orgs.). **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e biográfica**. Belém: CEJUP, 2011. p. 13-36.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque e metodologia**. Madrid: La muralla, 2001.

BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Ensenada/México, v. 4, n. 1, p. 1-26, 2002.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. La investigación biográfico y narrativa en Iberoamérica: campos de desarrollo y estado actual. **Forum: Qualitative Social Research**, Berlim, v. 7, n. 4, p. 1-43, sep. 2006.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BUENO, B. O. *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, M. O.; BIASOLI, C. L. A. Reconstruindo trajetórias docentes: percursos pessoais e profissionais refletidos na maneira de ser professor. In: FERREIRA, M. O.; FISCHER, B. D. T.; PERES, L. M. (orgs.). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos; Brasília Liber Livro, 2009. p. 51-65.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327- 345, 2005.

LOPES, P. **Práticas pedagógicas de professores de língua portuguesa: revelando os saberes da experiência**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

MEIHY, José. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MEIHY, J.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NUNES, C. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 27-42, abril, 2001.

PASSEGGI, M. C. *et al.* Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, E. C. (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p.257-268.

PASSEGGI, M. C. et al. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

PAZOS, M. S. Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares. In: BENITO, A.; DÍAZ, J. M. H. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada**. Valencia: Tirant, 2002. p. 105-133.

SALGADO, M. A. C.; ANTEZANA, C. S. N. Identidades docentes: experiencias y modos de indentificación en la formción. In: VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de; PASSEGGI, M. C. (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: questões de ensino e formação**. Curitiba, PR: CRV, 2013. p. 27-42.

SEIXAS, P. C. O método biográfico na formação de professores: uma abordagem crítica. In: Leite, L. *et al.* (orgs.). **Didáticas e Metodologias da Educação**. Braga: Departamento de Metodologia de Educação, Universidade do Minho, 1997. p. 909-919.

SOUZA, E. C. Memória, (auto) biografia e formação. In: CHAVES, S. N.; BRITO, M. R. (orgs.). **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e biográfica**. Belém: CEJUP, 2011. p. 37-52.

WEIDUSCHADT, P; FISCHER, B. T. D. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O. V.; FISCHER, B. T. D.; PERES, L. M. V. (orgs.). **Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikós, 2009. p. 66-82.

Recebido em: 01 de setembro de 2018.

Aceito em: 20 de fevereiro de 2019.